

## RESUMO/ ABSTRACT

### ESTUDOS SOBRE O *HOME* DA PARTE ESCURA DA FAMÍLIA HUMANA NAS OBRAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E TONI MORRISON

A partir da leitura cuidadosa e consciente das obras *Ponciá Vicêncio* (2003), da escritora afrodescendente brasileira Conceição Evaristo, e *A Mercy* (2008), da escritora afrodescendente estadunidense Toni Morrison, propõe-se uma análise do *home* do negro nas narrativas da contemporaneidade, as quais exploram a complexidade dos estudos da diáspora africana. Uma vez divergindo os períodos históricos dos livros, poderemos observar eventos que contribuíram para o *home* hostil e desagradável dos personagens.

**Palavras-chave:** diáspora; *home*; lugar; multiterritorialidade; raízes.

### STUDIES ABOUT THE *HOME* OF THE DARK PART OF THE HUMAN FAMILY IN THE BOOKS OF CONCEIÇÃO EVARISTO AND TONI MORRISON

From a careful and conscious reading of the books *Ponciá Vicêncio* (2003), by the Brazilian African descendant writer Conceição Evaristo and *A Mercy* (2008), by the North-American African descendant writer Toni Morrison, it is proposed an analysis of the *home* of the black in contemporary narratives which explore the complexity of the studies of the African Diaspora. Once the historic contexts of the book diverge, we can observe events that contributed to a hostile and unpleasant *home* of the characters.

**Keywords:** diaspora; *home*; place; multiterritoriality; roots.



## ESTUDOS SOBRE O HOME DA PARTE ESCURA DA FAMÍLIA HUMANA NAS OBRAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E TONI MORRISON

*Stefane Soares Pereira*

Mestranda em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Juiz de Fora-MG  
stefane87@gmail.com

*Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves*

Doutora em Letras pela University of Texas System-UTS, Estados Unidos.  
Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Juiz de Fora-MG  
anag365@yahoo.com.br

### Introdução

Utilizar-se-á como *corpus* literário deste estudo as obras *Ponciá Vicêncio* (2003), da escritora afrodescendente brasileira Conceição Evaristo, e *A Mercy* (2008), da escritora afrodescendente estadunidense Toni Morrison. Tem-se como objetivo analisar qual e como é o *home* do negro representado, “idealizado”, caracterizado, construído, “simbolizado” nas narrativas da diáspora africana das autoras em questão.

Em *Ponciá Vicêncio* (2003), Conceição Evaristo informa o leitor sobre a condição dos negros libertos no momento histórico da abolição da escravatura no Brasil, em meados de 1888. A personagem Ponciá Vicêncio vive na zona rural, em um ambiente extremamente humilde, com seus pais e seu irmão Luandi Vicêncio. Assim que Ponciá atingiu a idade madura migrou para a cidade em busca de uma experiência diversa daquela a qual marcara a vida de seus antepassados. Posteriormente, também seu irmão foi para a cidade, iludido pela ideia de que nesse lugar facilmente encontraria trabalho. A obra de Toni Morrison, *A Mercy* (2008), também ocorre em meio à aspereza e as dificuldades da vida rural. Além disso, a narrativa descreve as mudanças sociais em curso na formação dos Estados Unidos da América; o período de fusão de raças e culturas (1690), século que antecede a Declaração da Independência nos Estados Unidos. Apesar de focar na experiência vivida por Florens – uma escrava negra, o livro narra as histórias de uma escrava indígena, Lina; dos escravos Willard e Scully; Sorrow, outra escrava negra; Rebekka, a patroa; e Jacob Vaark, o patrão.

A partir desse contexto, o artigo “Home as a region” – da estudiosa do departamento de geografia da Universidade de Aegean Theano S. Terkenli (1995, p. 325-31) – faz parte do corpus teórico- crítico deste estudo a fim de contribuir na observação da importância de *home* na vida das personagens, permitindo ao sujeito diaspórico a conscientização de uma realidade no âmbito social, assim como o reconhecimento de pertencer a um determinado lugar. Além do conceito de *home*, torna-se relevante discutir os conceitos de multiterritorialidade, migração e diáspora. Para isso, os textos “Home and away: social configurations of diaspora”, de Jonh Hutnyk, Raminder Kaur e Virinder S. Kalra (2005, p. 10-4), e “Da testerritorialização à multiterritorialidade”, de Rogério Haesbaert (2009), são utilizados.

### 1. Desvendando a simbologia de *home*

Terkenli (1996, p. 324) afirma que *home regions* existem para servir as necessidades individuais e dos grupos, além de sustentá-las. Dessa maneira, toda e qualquer atividade ou experiência humana afeta a delimitação do contexto de *home*<sup>1</sup>. Assim, os espaços geográficos se tornam sistemas de regiões unidas, irregularmente formadas que correspondem a *homes* de indivíduos ou grupos de indivíduos. Entretanto, o sentido de *home* varia, em cada caso, em relação ao espaço, visto que alguns lugares são imaginados como mais *homelike* que outros. Em outras palavras, o sentimento de conforto e acolhimento do lugar é exclusivamente particular.

Além disso, Terkenli descreve as primeiras definições elaboradas para o termo *home*, focando, anteriormente, no fato de os seres humanos ao ocuparem um espaço, fazerem uso de símbolos a fim de transformá-lo em lugar. Apropriam-se deste e do contexto como *home*.

A idéia de *home* é ampla e profundamente simbólica, um parâmetro que envolve toda relação entre humanos e natureza [...] *Home* foi primeiramente e melhor definido como um contexto espacial (Porteous 1976) e a base de uma das maiores dicotomias geográficas fundamentais: *home* versus *nonhome*. A equação característica de *home* com casa na sociedade Americana foi restritiva e enganosa (Hollander 1991). O lugar existe em diferentes escalas [...] A terra em si é uma coleção de *homes*, o *home* mais importante em si, porque satisfaz a necessidade de refúgio, por um ponto de referência, e por um contexto de auto-identificação (TERKENLI, 1995, p. 325)<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Neste trabalho, a palavra *home* não será traduzida para o Português, visto que se acredita nas múltiplas significações que o termo carrega e que se perderiam com a tradução e apropriação da palavra “lar”.

<sup>2</sup> No original: “The idea of home is broad and profoundly symbolic, a parameter that infiltrates every relationship between humans and environment [...] Home has been defined first and foremost as a spatial context (Porteous 1976) and the basis of one of the most fundamental geographical dichotomies: home versus nonhome. The prevailing equation of home with

O termo *home*, portanto, pode ser entendido não somente como um lugar, mas também como um amplo espaço simbólico desenvolvido e construído pelos seres humanos. É possível chegar a essa conclusão ao observar o exemplo utilizado por Terkenli para a definição do conceito de *home*. A fim de mostrar a amplitude deste, a autora afirma ser a terra o *home* mais importante, “melhor”. O interessante nesse argumento, porém, está na maneira como a terra – o *home* maior – é caracterizada: um lugar que preenche a necessidade de se refugiar, a necessidade de ter um ponto de referência, de ter um contexto e de se autoidentificar. É a partir desse pensamento que analisaremos o *home* do sujeito diaspórico através das personagens de Evaristo e Morrison.

### 1.1. A dimensão de *home* com o *self*, o tempo, e a sociedade

Torna-se relevante relacionar o conceito de *home* com o *self*<sup>3</sup>, o tempo, e a sociedade, pois, assim, o termo abrange não apenas questões físicas e espaciais, mas também questões individuais, históricas e sociais. Segundo Terkenli (1996, p. 325), a ideia de *home* é modelada na interface entre o *self* e o mundo. Em geral, as pessoas se sentem *at home* consigo mesmas porque estão familiarizadas com suas ações passadas e suas atividades presentes, sentimentos, preocupações, tendências etc., que estão ancoradas no *self* e especialmente expressas através de geografias espaciais.

Observa-se, dessa forma, que são as simbologias dos *selves*<sup>4</sup> em convivência com o outro – os relacionamentos –, que dão forma ao conceito de *home*. Cabe-nos estimular um olhar atencioso para a formação dos símbolos do *self* do sujeito da diáspora africana a fim de compreender e desvelar as bases que fundamentam a complexidade de encontrar o lugar deste.

Vemos que o conceito de *home* é mais intrigante do que a simples ideia de pensá-lo como “o lugar em que se nasce”. No entanto, para os povos da diáspora, mesmo se considerássemos somente essa definição do termo, estaríamos diante de uma situação problemática. A discussão, portanto, se entende significativamente quando o assunto é “diáspora”. Primeiramente, definir-se-á o conceito de diáspora para, assim, identificarmos o início do espaço expresso por meios geográficos do seres certamente humanos envolvidos nesse processo político-econômico.

O início da existência clássica do termo “diáspora” está relacionado com movimento forçado, exílio e uma conseqüente sensação de perda derivada de uma inabilidade de retornar. Essa ideia também

---

house in American society has been restrictive and misleading (Hollander 1991). Place exists at different scales [...] The earth itself is a collection of homes, the ultimate home itself, because it fulfills the need for refuge, for a frame of reference, and for a context of self-identification”.

<sup>3</sup> Opinamos por não traduzir a palavra *self* – em Português “eu” –, a fim de enfatizar a individualidade metafísica do sujeito.

<sup>4</sup> Plural de *self*.

vem sendo aplicada ao movimento em massa de africanos trazidos para as Américas através da escravidão (HUTNYK; KAUR; KALRA, 2005, p. 10). Essas características foram herdadas da experiência judaica. Os Judeus, após a destruição do Primeiro Templo de Jerusalém (no século VI antes de Cristo), foram expulsos da cidade e se exilaram na Babilônia.

Em *Diaspora & Hybridity* (2005), o conceito de diáspora é relacionado à palavra inglesa *away*, uma vez que esta significa algum tipo de perda e pode ser generalizada em uma tipologia representativa ou definição do que a diáspora deve ser. Sendo a diáspora uma forma de categorização, os autores Hutnyk, Kaur e Kalra expõem a predisposição a certos tipos de experiência através do seguinte critério:

1. dispersão e separação (de uma homeland<sup>5</sup>);
2. trauma coletivo (embora na homeland);
3. florescimento cultural (embora distante);
4. uma relação conflituosa com a maioria (embora distante);
5. uma sensação de comunidade que transcende as fronteiras nacionais (home e away); e
6. estimular um movimento de retorno (away em direção a home) (HUTNYK; KAUR; KALRA, 2005, p. 11)<sup>6</sup>.

Nesse texto, interessa-nos os itens (1), (2), (4) e (6). Sendo que este último claramente se refere à personagem Ponciá Vicêncio, da obra de Conceição Evaristo. Ao observá-los, vemos a complexidade do conceito de *home* descrito por Terkenli quando dialogados com as características supracitadas dos povos diaspóricos. Pensar sobre a construção de *home* na interface entre o *self* e o mundo para o sujeito da diáspora, é questionar sobre a existência de um *home* em sua “completude”.

Inicialmente, os povos dispersam e se separam, não apenas de uma *homeland*, mas também entre eles mesmos. Essa movimentação deixa marcas psicologicamente negativas, contribuindo para um relacionamento tumultuoso com o outro (sendo este branco ou negro, como veremos na exposição das obras literárias de Evaristo e Morrison – a sociedade). Consequentemente, resta ao sujeito a ânsia por um retorno a *home*, retorno o qual argumentaremos ser um desejo de voltar ao tempo, um tempo talvez histórico.

<sup>5</sup> Optou-se por não traduzir a palavra *homeland* (= terra natal, pátria) no texto devido à relação com a palavra *home*, que se acredita ter sentido maior do que a palavra “lar” em Português.

<sup>6</sup> No original: “1. dispersal and scattering (from a homeland); 2. collective trauma (while in the homeland); 3. cultural flowering=development (while away); 4. a troubled relationship with the majority (while away); 5. a sense of community transcending national frontiers (home and away); and 6. promoting a return movement (away to home)”.

## 2. Diálogos da teoria com as obras literárias

A problemática da construção de *home* como a expressão da identidade de um grupo ou do indivíduo no contexto da diáspora é resultado da maneira como o espaço geográfico é utilizado por esse grupo ou indivíduo a fim de transformá-lo em um lugar no mundo que seja o seu ponto de referência. Uma vez submetidos à escravidão, os africanos – assim como os seus descendentes –, não puderam fazer do espaço um lugar de representações simbolizadas por sentimentos, circunstâncias e relações pacíficas e igualitárias. Em *A Mercy* (2008) observamos as relações de poder do sistema escravocrata na seguinte descrição dos europeus:

Eles viriam com línguas que pareciam latido de cachorro; com uma fome infantil por pele de animais. Eles cercariam para sempre a terra, embarcariam árvores inteiras para países distantes, levariam qualquer mulher para um prazer rápido, arruinariam o solo, profanariam lugares sagrados e adorariam um deus, um deus nada original. (MORRISON, 2009, p. 52)<sup>7</sup>.

Morrison registra momentos da escravidão sob o prisma do poder nos Estados Unidos (1690), focando em um sistema não igualitário e sem consciência de cor. Em *Ponciá Vicêncio* (2003), porém, a abolição da escravatura já havia sido declarada (1888) e, como a “família” Vicêncio<sup>8</sup> vive no meio rural, a desigualdade não é aparente, e a consciência da cor não influi no cotidiano das personagens.

É possível notar na citação seguinte o bem-estar de Ponciá criança naquele ambiente, antes da tomada de consciência da cor; a interação da personagem (*self*) com o mundo: “Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras [...] Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé” (EVARISTO, 2003, p. 13).

Entretanto, ao crescer, Ponciá percebe que aquele lugar o qual ela tanto gostava trazia muitas lembranças dolorosas do tempo da escravidão. Além disso, as terras de Vicêncio continuavam a ser o *home* da escravatura. Pouco mudou desde o sistema escravocrata. Assim, Ponciá Vicêncio questiona a si mesmo as perguntas que um dia seu pai fizera ao seu avô, Vô Vicêncio, e cuja resposta não fora encontrada:

<sup>7</sup> No original: “[The Europes] They would come with languages that sounded like dog bark; with a childish hunger for animal fur. They would forever fence land, ship whole trees to faraway countries, take any woman for quick pleasure, ruin soul, befoul sacred places and worship a dull, unimaginative god”.

<sup>8</sup> O sobrenome Vicêncio na narrativa se refere ao proprietário de todos os ex-escravos.

Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. [...]. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. [...]. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela [...]. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca [...]. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. *Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não arribavam à procura de outros lugares e trabalhos?* Um dia perguntou isto ao pai, com jeito, muito jeito. Tinha medo dos ataques dele. [...] a resposta do pai foi uma gargalhada rouca de meio riso e de meio pranto. O homem não encarou o menino. Olhou o tempo como se buscasse no passado, no presente e no futuro uma resposta precisa, mas que estava a lhe fugir sempre. (EVARISTO, 2003, p. 17-8)<sup>9</sup>.

Herdando os questionamentos do pai, Ponciá Vicêncio não relutou indo em busca desses “outros lugares” com o intuito de não repetir a história dos seus, escrevendo sua própria história através da separação familiar. Assim também fez seu irmão, Luandi Vicêncio: “Luandi já estava na cidade há anos. Chegara sozinho. Quando veio, pensava que seria só bater em algum lugar e se oferecer para trabalhar. Na roça trabalhava sempre. Se não estava semeando, estava colhendo ou arando a terra [...]” (EVARISTO, 2003, p. 68).

A escravidão, portanto, se enquadra na descrição de Hutnyk, Kaur, e Kalra de diáspora como um trauma coletivo. Este trauma atinge os descendentes de escravos, como Ponciá, que repete a história de seus antepassados. Herdou não apenas o físico (o braço-cotó e o jeito de andar), mas também o psicológico de seu avô. O tempo permitiu a Ponciá a rememoração de seu passado e os prantos e risos de seu avô. O homem de Ponciá “se perguntava, sem entender, o que estava acontecendo com sua mulher. [...] Encontrava-se quieta, sentada no seu cantinho, olhando pela janela o tempo lá fora, enquanto ia e vinha no tempo cá dentro de seu recordar” (EVARISTO, 2003, p. 55).

A repetição histórico-temporal e as relações conflituosas acontecem também com a personagem Florens, em *A Mercy* (2008). A dispersão, porém, é forçada pelo sistema escravista vigente, e não opcional como em *Ponciá Vicêncio* (2003). Florens, escrava negra pertencente ao proprietário D’Ortega, vendida como pagamento de uma dívida para a personagem Jacob Vaark. Entre o seu irmão ainda de colo e ela, sua mãe oferece a menina à venda:

Eu olhando, minha mãe escutando, o bebê dela no quadril. O Senhor [D’Ortega] não vai pagar a quantia toda que deve para o patrão [Vaark]. O patrão dizendo que aceita então a mulher e a menina, não o bebê

---

9 Grifo do autor.

menino, e a dívida acaba. A minha mãe implora que não. O bebê ainda é de peito. Leve a menina, ela diz, minha filha, ela diz. Eu. Eu. (MORRISON, 2009, p. 5)<sup>10</sup>.

O evento supracitado certamente marca a vida de Florens, a qual coloca em diálogo com o leitor este trauma ocorrido durante a sua infância. Marianne Hirsch afirma ver as questões (“Eu? Eu?”), na leitura de *The Mother/Daughter Plot* como o início da construção que vai além de sua identidade como uma mãe (DAVIES, 1994, p. 145). Florens usa essas mesmas palavras repetidas afirmativamente a fim de enfatizar a sua posição como filha e questionar a atitude de sua mãe (a maternidade), visto que esta parece não demonstrar o seu amor pela filha. No entanto, a posição da mãe Florens afirma o princípio de aceitabilidade em relação à situação do negro naquele período nos Estados Unidos, uma consequência do *home*, do contexto construído pelas pessoas envolvidas na escravidão.

Esse trauma de Florens se repete em sua maturidade, ao apaixonar-se por uma personagem inominada. Uma vez tendo viajado à procura deste com o intuito de mandá-lo novamente à fazenda para salvar a vida de Rebekka – esposa branca de Jacob Vaark, falecido neste momento da narrativa –, depara-se com a “missão” de não retornar com seu amado e cuidar do menino Malaik, um enjeitado que acabara de ficar órfão. A presença dessa criança faz Florens lembrar e, conseqüentemente reviver a experiência passada, quando oferecida à venda pela própria mãe. Florens começa a ter visões com a mãe e o irmão menor, e Malaik passa a ser uma ameaça à perda de seu amor, seu segundo grande amor.

Olhos grandes, pensando frio. Levanto, vou até ele e pergunto o que foi. O que Malaik, o quê? Ele fica em silêncio mas o ódio nos olhos dele fala alto. Ele quer que eu vá embora. Isso não pode ser. Sinto o aperto dentro. Essa expulsão não pode acontecer nunca de novo. [...] Quando me vê o menino volta a gritar e é então que eu agarro ele. Estou tentando fazer ele parar e não machucar. Por isso puxo o braço dele. [...] escuto sim o ombro dele estalar mas o barulho é pequeno [...] Ele grita grita depois desmaia. Sai um pouco de sangue da boca dele quando bate no canto da mesa. [...] Ele cai desmaiado bem quando escuto você gritar. Não escuto seu cavalo só o seu grito e sei que estou perdida porque seu grito não é o meu nome. Não eu. Ele. Malaik você grita. Malaik (MORRISON, 2009, p. 135-8)<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> No original: “Me watching, my mother listening, her baby boy on her hip. Senhor is not paying the whole amount He owes to Sir. Sir saying he will take instead the woman and the girl, not the baby boy and the debt is gone. A minha mãe begs no. Her baby boy is still at her breast. Take the girl, she says, my daughter, she says. Me. Me”

<sup>11</sup> No original: “Eyes big, wondering and cold. I rise and come to him and ask what. What Malaik, what. He is silent but the hate in his eyes is loud. He wants my leaving. This cannot happen. I feel that clutch inside. This expel can never happen

A presença do menino Malaik permitiu a Florens reconhecer o fato de estar fora da escolha de um ser amado. Pode-se concluir com a leitura de Terkenli que o evento passado com sua mãe faz com que a personagem se familiarize com a situação presente. Na realidade, o leitor não sabe se a criança Malaik está repleta de ódio por Florens ou se esta vê o menino de tal forma. Acredita-se que Florens interpreta o silêncio da criança a partir da experiência ancorada em seu *self*, expondo, assim, o seu medo e preocupação de não ser, novamente, escolhida. Além disso, a atitude malévola da personagem demonstra uma tendência à agressividade como mecanismo de autodefesa.

A repetição de eventos em Morrison (2008), assim como a repetição de questionamentos e pensamentos em Evaristo (2003), faz-se essencial para a transformação de lugar em *home*. “[os retornos frequentes] representam estratégias únicas de sobrevivência e realização pessoal [...] tornam-se parte de *home* porque representam pontos de referência recorrentes, familiares no tempo, espaço, e sociedade” (TERKENLI, 1995, p. 326)<sup>12</sup>.

Na crença de que o meio rural era o seu *home*, Ponciá Vicêncio retorna às suas origens geográficas. Entre as coisas que escutara ao permanecer por alguns dias nas terras dos negros, estava o comentário de que ela “era o gesto repetitivo do avô no tempo” (EVARISTO, 2003, p. 63). No entanto, estar presente no lugar em que nasceu não faz com que Ponciá se sinta *at home*. O campo e a casa pouco representam com a ausência de sua mãe e seu irmão Luandi Vicêncio:

A dor da ausência da mãe e do irmão aconteceu mais forte ainda. Olhou para a mesa de madeira e lá estava o homem-barro entre prantos e risos. Pegou o trabalho e enrolou, como fazia a mãe [...] Ponciá apertou a trouxa contra o peito [...] não sabia por que estava indo. Só daí a quase quatro semanas, o trem passaria [...] Entretanto, ela não poderia ficar ali, em casa, sem a mãe, o pai, o irmão e até sem o avô. De noite, eles estiveram com ela o tempo todo, mas de dia, quando Ponciá percebeu, quando viu, tudo estava vazio. Não suportava viver a ausência deles, no jogo de esconde-aparece que eles estavam fazendo (EVARISTO, 2003, p. 57-8).

É possível confirmar, a partir da citação acima, a extensão do conceito de *home*, o qual não se restringe ao espaço de uma casa. O desejo de Ponciá de retornar ao seu lar é resultado de uma procura

---

again. [...] Seeing me the boy returns to screaming and that is when I clutch him. I am trying to stop him not to hurt him. That is why I pull his arm. [...] yes I do hear the shoulder crack but the sound is small [...] He screams screams then faints. A little blood comes from his mouth hitting the table corner. [...] He drops into fainting just as I hear you shout. I don't hear your horse only your shout and know I am lost because your shout is not my name. Not me. Him Malaik you shout. Malaik?”

<sup>12</sup> No original: “[...] returns to these patterns time and again [...] represent unique strategies for survival and personal fulfillment [...] become part of home because they represent recurrent, familiar points of reference in time, space, and society”.

às suas raízes. O tempo, porém, separa a família da personagem no momento em que Ponciá resolve migrar para a cidade, provocando, posteriormente, a migração de seu irmão e, logo, sua mãe. Apesar do significado central de enraizamento estar relacionado com o sentido de literalmente pertencer a algum lugar:

[...] o enraizamento amarra um indivíduo ou um grupo de indivíduos a um ou mais específicos pontos de referência de lugar-pessoas-tempo, os quais impedem o crescimento individual. Por outro lado, algum tipo de enraizamento pode ser benéfico para o preenchimento de rotinas diárias, pois ele incute uma sensação de conforto e um sentimento de balanço na vida. Quando sentido positivamente como parte do crescimento, o enraizamento carrega o potencial de ampliar o ser individual fazendo os sujeitos se conscientizarem de sua própria identidade através de uma apreciação expandida de costumes e tradições locais e das possibilidades que surgem de prolongar as circunstâncias de suas vidas do passado e do futuro. [...] *Home* é mais bem descoberta quando distante (TERKENLI, 1995, p. 330-1)<sup>13</sup>.

Estando longe de sua terra natal, Ponciá perde aos poucos a “vida”, deixando de ser aquela mulher “que antes era feito uma formiga laboriosa resolvendo tudo” (EVARISTO, 2003, p. 55). É através dessa distância que Ponciá sente saudade de sua família, saudade que domina o seu *self*, confortando-a e levando a personagem de volta ao seu lar e sua terra. Suas raízes impedem o seu crescimento na cidade devido aos obstáculos encontrados em uma sociedade em que os negros apesar de livres, ainda assim continuavam enclausurados na exclusão social, racial e intelectual.

Um dia Ponciá juntou todas as revistas e jornais e fez uma grande fogueira com tudo. De que valia ler? De que valia ter aprendido a ler? No tempo em que vivia na roça, pensava que, quando viesse para a cidade, a leitura lhe abriria meio mundo ou até um mundo inteiro. Agora nada lhe interessava mais nas notícias: o deputado podia morrer afogado na fossa, a mulher dele poderia dar trinta facadas nas costas do prefeito [...]. O mundo podia virar de cabeça para baixo, que pouca diferença faria [...] (EVARISTO, 2003, p. 91).

<sup>13</sup> No original: “[...] rootedness ties an individual or a group of individuals to one or more specific place-people-time points of reference, which prevents individual growth. On the other hand, some form of rootedness may be beneficial for the fulfillment of daily routines, because it may instill a sense of comfort and a feeling of balance in life. If felt positively as part of growth, rootedness carries the potential to enlarge personal being by making individuals aware of their own identity through an expanded appreciation of local customs and traditions and of the possibilities that arise from extending their life circumstances to the past and to the future. [...] Home is best discovered from a distance”.

Embora o enraizamento de Ponciá não tenha sido positivamente sentido pela personagem, certamente contribuiu para a conscientização da personagem quanto à sua identidade e a desmistificação das vantagens de viver em um ambiente “modernamente civilizado”: a cidade. Acredita-se que Ponciá, assim como seu irmão Luandi, não tinha ideia da expansão do “lugar” do negro, estando este no campo ou não.

As raízes de Florens, porém, não se restringem a uma *homeland* e a uma casa. Ao contrário, a personagem não expõe lembranças territoriais e nem de um espaço caracterizado como lar. As recordações dolorosas da personagem são referentes exclusivamente à sua família: mãe e irmão. A experiência vivida ao ser vendida enraíza a personagem a esses familiares e ao tempo ocorrido. Esse enraizamento, entretanto, não impede o crescimento individual de Florens, embora acompanhe o psicológico da personagem. Florens se identifica, inicialmente, como órfão e, logo, como escrava negra pertencente a um ambiente escravocrata.

Morrison, entretanto, não escreve sobre as maldades do sistema vigente naquele período nos Estados Unidos (1690), mas sim sobre as tristezas de serem tomadas certas atitudes e as consequências dessas ações. O sentimento de compaixão é demonstrado inclusive pelo fazendeiro anglo-holandês Jacob Vaark, que se sentia culpado por ter aceitado Florens como parte do pagamento de uma dívida. Após o acerto a personagem “pensou sobre o dia decepcionante e a humilhação de ter aceitado a menina [...] Desde sua própria infância ele sabia não haver lugar bom no mundo para órfãos e enjeitados a não ser a generosidade de estranhos” (MORRISON, 2009, p. 30)<sup>14</sup>.

Jacob foi uma criança órfã, por isso tamanha a piedade da personagem a essas pessoas. No entanto, o fazendeiro contribuiu para a orfandade de Florens. Além de Jacob, Lina – uma escrava indígena que “adotou” Florens como filha –, também era órfã. Sua família morreu devido a doenças que se espalhavam por todo um povoado, e a aldeia em que habitavam foi incendiada por soldados. Socorrida por presbiterianos, logo, começou a trabalhar para Jacob, compartilhando seus conhecimentos agrícolas. Entretanto, fora sempre órfã:

Enquanto a carniça queimava, ela hesitava entre ficar escondida e arriscar levar um tiro também. [...] ela resolveu fortificar-se consturando retalhos do que sua mãe havia lhe ensinado antes de morrer em agonia. [...] Encontrou, em outras palavras, um jeito de estar no mundo. Não havia consolo nem lugar para ela na aldeia; o Patrão estava e não estava. A solidão a teria esmagado se ela não tivesse contado com habilidade de ermitão e se transformado em uma coisa a mais a se mover no mundo natural (MORRISON, 2009, p. 45-6)<sup>15</sup>

<sup>14</sup> No original: “thought about the disappointing day and the humiliation of having accepted the girl [...] From his own childhood he knew there was no good place in the world for waifs and whelps other than the generosity of strangers”.

<sup>15</sup> No original: “As the carrion flew off she did not know whether to stay hidden or risk being shot as well. [...] she decided

Florens, a escrava indígena Lina e o próprio Jacob assemelham-se por um tipo de orfandade. Essa ausência familiar que, ao contrário de Ponciá, fora forçada influi diretamente no contexto de *home* na vida desses personagens, pois é através das contribuições recebidas do outro que um indivíduo é capaz de modelar *home*. Para Terkenli (1995, p. 330), o primeiro *home* de uma criança é a mãe. Com o tempo, laços entre família e comunidade são estabelecidos, elaborados, e convividos, para se tornarem estruturas em que numerosas rotinas comportamentais, cognitivas e afetivas estão sobrepostas.

A carência familiar das personagens de *A Mercy* (2008), todavia, não os aproxima. Após a morte de Jacob Vaark, devido a uma doença, a esposa branca Rebekka não herda a compaixão do marido e junto às mulheres Sorrow (escrava negra), Lina e Florens não constrói um sentimento de afetividade, caridade ou mesmo piedade pelos que lhe rodeiam. Scully, escravo negro dos Vaark, confessa que:

Um dia haviam pensado que eram uma espécie de família, porque juntos tinham esculpido o isolamento em companheirismo. Mas a família que imaginaram ser era falsa. Fosse o que fosse que cada um amasse, buscasse ou evitasse, seus futuros estavam separados e ninguém sabia qual era. Uma coisa era certa: só coragem não seria suficiente. Sem vínculos sanguíneos, ele não via nada ainda no horizonte para aproximá-los. Mesmo assim, lembrando o que o pároco descrevia existir antes da Criação, Scully via matéria escura ali, grossa, incognoscível, dolorida para ser transformada em mundo (MORRISON, 2009, p. 153-4)<sup>16</sup>.

Embora a solidão interna reinasse nos corações e nas mentes dos sujeitos descritos por Morrison, embora as experiências individuais dialogassem em muitos aspectos, o amor não floresceu entre os mesmos. A relação do *self* com o mundo ainda é grotesca, permanecendo no tempo histórico da vida dos personagens e constituindo a dimensão central da ideia de *home* para estes. Devido ao fato de estarem familiarizados com o passado e com a impossibilidade de modificarem-no no presente, esses indivíduos se conformaram com a frieza do mundo, congelando o pequeno feixe de luminosidade e compaixão que lhe restara.

---

to fortify herself by piecing together scraps of what her mother had taught her before dying in agony. [...] Found, in other words, a way to be in the world. There was no comfort or place for her in the village; Sir was there and not there. Solitude would have crushed her had she not fallen into hermit skills and become one more thing that moved in the natural world”.

<sup>16</sup> No original: “They once thought they were a kind of family because together they had carved companionship out of isolation. But the family they imagined they had become was false. Whatever each one loved, sought or escaped, their futures were separate and anyone’s guess. One thing was certain, courage alone would not be enough. Minus bloodlines, he saw nothing yet on the horizon to unite them. Nevertheless, remembering how the curate described what existed before Creation, Scully saw dark matter out there, thick, unknowable, aching to be made into a world”.

Encontrar e identificar o *home* dos personagens de *A Mercy* (2008) e de *Ponciá Vicêncio* (2003) é observar o lugar do sujeito da diáspora, sendo este o que viveu durante a escravidão e após esse sistema opressivo. Discutiremos, no próximo item, o conceito de multiterritorialidade nas diásporas.

### 3. Migração e multiterritorialidade das diásporas

A partir do estudo do *home* dos povos da diáspora surge um questionamento: a possibilidade de considerar o sujeito diaspórico como um ser imigrante. Isso se deve ao fato de o termo imigrante marcar grupos que nunca migraram, mas são descendentes de migrantes que não pertencem a um lugar particular. “A palavra ‘imigrante’, em vez de relatar um exato evento de movimento, se torna um eufemismo para ‘não desse lugar’, ou para ‘alguém que pertence a outro lugar’” (HUTNYK; KAUR; KALRA, 2005, p. 14)<sup>17</sup>. Além disso, o termo sugere um evento único que ocorre somente uma vez.

Dessa forma, os negros da diáspora africana podem ser considerados mais do que imigrantes. Sabe-se que os africanos foram levados às Américas para serem escravizados e, como vimos em *A Mercy* (2008), os escravos continuaram a movimentação ao serem vendidos. Em *Ponciá Vicêncio* (2003), Ponciá, Luandi e a mãe migram para a cidade. Portanto, não podem ser considerados imigrantes aqueles que constituíram ou descendem do evento da diáspora, pois por diáspora entende-se um fenômeno de sucessivas migrações.

Entretanto, o termo “imigrante” carrega uma ferramenta política útil também ao sujeito da diáspora: a da marginalização de um determinado grupo de indivíduos. Assim como os imigrantes, os seres da diáspora enfrentam os ecos da sociedade quanto ao não pertencimento a um lugar ou pertencimento a outro lugar. A questão da migração está fortemente vinculada às questões espaciais geográficas, ou seja, territoriais. Rogério Haesbaert, em *O mito da desterritorialização* (2004), reelabora ideias propostas por Ma Mung (1999) sintetizando como características geográficas das diásporas, enquanto forma de reterritorialização do migrante:

\_\_ A *multipolaridade* da migração: desde o sentido etimológico da palavra “diáspora”, que vem do grego *speiro*, significando dispersão [...] mesmo possuindo um Estado ou região de origem, não obrigatoriamente este(a) representa a função de centro no conjunto de relações da rede;

\_\_ a *interpolaridade* das relações: [...] o migrante da diáspora podendo usufruir dessa dispersão tanto para recorrer a outros membros em momentos de crise quanto para a expansão de seus negócios;

<sup>17</sup> No original: “The word ‘immigrant’, rather than relating to an actual event of movement, becomes a euphemism for ‘not from this place’, or for ‘one who belongs somewhere else’”.

— a *multiterritorialidade* (e não extraterritorialidade, como propõe Ma Mung) em termos, por exemplo, das identificações: tanto no sentido de uma consciência multi ou pluriescalar, com múltiplos espaços de referência identitária, do bairro (mais concreto) ao país de origem (referência mítica) e à diáspora enquanto fenômeno global, quanto no sentido da criação de uma “identidade étnica transnacional”, como diz Ma Mung, construída através da percepção do grupo como dispersão territorial (HAESBAERT, 2009, p. 358-9).

O sumário elaborado por Haesbaert faz com que a ideia complexa do *home* do sujeito da diáspora defendida nesse texto seja geográfica e sociologicamente compreendida. A multipolaridade da migração dos povos da diáspora demonstra que o espaço geográfico em que os negros da diáspora estão inseridos não representa este território como o centro de relações da rede. Ao contrário, contribui para a interpolaridade das relações; e a multiterritorialidade para uma consciência identitária pluriescalar que atravessa as fronteiras nacionais.

Portanto, o sujeito da diáspora pode ser considerado um migrante cujo território é múltiplo. Isso significa, porém, que a multiterritorialidade das diásporas (assim como a multiterritorialidade contemporânea), em si tem por fator negativo os “extremos” de um “completo fechamento” ou uma “completa abertura” ou fluidez territorial. Haesbaert explica que esses dois processos indicam dinâmicas, em parte, desterritorializadas.

A multiterritorialidade faz com que o espaço geográfico, sendo demasiadamente amplo, seja ainda assim, identificado pelos povos da diáspora por suas características familiares (negativas ou positivas). Torna-se, dessa forma, um importante elemento na construção do *home* do sujeito da diáspora.

### **Considerações finais**

Ao compreender que *home regions* servem e sustentam as necessidades individuais e dos grupos, percebemos a importância do espaço geográfico como lugar de acolhimento do ser humano. Entretanto, questões de poder (político e econômico) influem diretamente na maneira como as regiões servem e sustentam o que é indispensável a um grupo particular.

No caso da diáspora africana do Brasil e dos Estados Unidos, o grupo de indivíduos que dominava o poderio político-econômico era, respectivamente, os portugueses e os ingleses; ou seja: o branco. A fim de ocuparem esses países e transformá-lo em lugar, os brancos fazem uso de simbologias que valorizam a cor branca e, conseqüentemente, rebaixam a cor negra. Assim, os brancos justificaram a dispersão forçada dos africanos para as Américas com o intuito de colocá-los sob o regime escravocrata.

O termo *home*, portanto, não se restringe somente a uma casa, mas a todo o espaço geográfico em que um indivíduo está inserido, aos acontecimentos “familiares” e aos sentimentos que se constroem como resultado desses elementos. O conceito de *home* se estabelece através dos relacionamentos dos *selves* com o outro e com o mundo.

A multiterritorialidade do sujeito da diáspora pode ser entendida como um fator que dificulta a autoidentificação do indivíduo, assim como o reconhecimento de um contexto e um ponto de referência. No entanto, a multiterritorialidade dos personagens de *A Mercy* (2008) e de *Ponciá Vicêncio* (2003) confirma o contexto de *home* desses indivíduos, contribuindo para a autoidentificação e conscientização da “existência” de um ponto de referência.

A migração forçada de Florens, escrava negra, faz com que a personagem identifique o seu lugar na sociedade estadunidense. A repetição de eventos ocorridos em sua infância na maturidade transforma os lugares em que a personagem se encontra em seu verdadeiro *home*. Embora quisesse escrever a sua história, teria de fazê-lo como escrava. Florens, porém, era escrava não somente da escravidão, mas também do trauma que esse sistema lhe causou, e que apenas cessaria quando ela pudesse escutar as razões de sua mãe.

Assim como Florens, Ponciá Vicêncio vivencia a repetição histórico-temporal do destino dos seus familiares: o da exclusão socioeconômica e racial. Migrar para a cidade fez com que a personagem se conscientizasse do mito por um lugar diverso daquele oferecido para seus descendentes “livres”. Ao fugir da herança que Vô Vicêncio deixara para ela, descobre que não poderia continuar a viver sem os seus familiares. O retorno mostra a dor das lembranças da escravidão, lembranças as quais “perseguem” não apenas os que viveram no período escravocrata, mas também os que sucederam.

As raízes multiterritoriais dos povos da diáspora africana promoveram uma “abertura” territorial traumática decorrente de conflituosos relacionamentos com o outro. Essa abertura contribuiu para o enclausuramento dos *selves*, mesmo depois da abolição da escravatura, como vimos em Evaristo (2003). Pode-se afirmar que *home* se constrói com o enraizamento de um estado da mente, estado o qual tanto Evaristo quanto Morrison resgatam com o intuito de questionar o lugar da mulher negra no período colonial e, talvez, procurar uma resposta para este *home* na contemporaneidade.

### Referências bibliográficas

DAVIES, Carole Boyce. *Black women, writing and identity: migrations of the subject*. London and New York: Routledge, 1994.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Maza Edições, 2003.

HAESBAERT, Rogério. “Da desterritorialização à multiterritorialidade”. In: \_\_\_\_\_. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HUTNYK, Jonh; KAUR, Raminder; KALRA, Virinder S. “Home and away: social configurations of diaspora”. In: \_\_\_\_\_. *Diaspora & Hybridity*. London: Sage Publications, 2005. p. 10-4.

MORRISON, Toni. *A Mercy*. London: Vintage Books, 2009.

TERKENLI, Theano S. “Home as a region”. *Geographical Review*. v. 85, nº 3, jul. 1995, p. 325-31.

Recebido em 16 de fevereiro de 2011

Aprovado em 24 de abril de 2011

